

## OS 50 ANOS DA ARQUIVOLOGIA DA UFSM NA CÁPSULA DO TEMPO: CARTAS PARA O FUTURO EM ARQUIVO, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Fernanda Kieling Pedrazzi (Universidade Federal de Santa Maria),  
Jorge Alberto Soares Cruz (Universidade Federal de Santa Maria),  
Sônia Elisabete Constante (Universidade Federal de Santa Maria)

### 1 INTRODUÇÃO

Os sujeitos, ao longo dos anos, sempre buscaram transmitir através de cartas um fato (notícia) ou mesmo um sentimento por alguém sendo, este ato, uma forma de comunicação. O surgimento da escrita alfabética e da retórica, impulsionou o uso da carta como meio de comunicação na Antiguidade, seja ela pública, de caráter político, doutrinário ou poético, visando atingir um número considerável de pessoas; ou particular, de caráter reservado e caracterizada por uma linguagem coloquial.

No Brasil, o manuscrito mais significativo<sup>210</sup> é relativo ao seu “descobrimento”, cuja carta foi escrita em Porto Seguro, entre 26 de abril e 2 de maio de 1500, pelo escrivão português Pero Vaz de Caminha, conhecida como a “*Carta a el-Rei Dom Manoel sobre o achamento do Brasil*”<sup>211</sup>. Esta missiva

---

<sup>210</sup> Fundação Biblioteca Nacional. A Carta de Pero Vaz de Caminha. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 02 jun. 2022.

<sup>211</sup> Toda Matéria. Carta de Pero Vaz de Caminha. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/carta-de-pero-vaz-de-caminha/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

emblemática ficou guardada na Torre do Tombo em Portugal e relata notícias da viagem. A carta somente foi divulgada em 1817, na “*Corografia Brasileira ou Relação Histórico-geográfica do Reino do Brazil*”, pelo padre Manuel Aires de Casal, após cópia do original pelo funcionário José de Seabra da Silva (KARNAL, TATSCH, 2013, p. 10). Pode-se entender que a Carta de Caminha permaneceu numa cápsula do tempo - arquivo e a partir de sua abertura reacendeu “o diálogo claro entre o presente e o documento” (KARNAL; TATSCH, 2013, p. 12), fortalecendo a construção histórica do nascimento do Brasil.

A partir do século XVIII e com maior impacto no século XIX, especialmente na Europa e na América, conhecido como o século das correspondências, as cartas passaram a fazer parte das vivências dos sujeitos como forma de rememorar os sentimentos e experiências de seus cotidianos, com destaque para a produção de cartas pelas mulheres após um grande investimento no processo de alfabetização. Pela grande quantidade produzida e por modismo, as correspondências tornaram-se objetos de coleção (MALATIAN, 2013). Mas, apesar do avanço da tecnologia, a magia da carta não foi totalmente abolida da forma de compartilhamento de informações e, sim, aperfeiçoada, com o emprego de equipamentos e materiais que permitem dar maior agilidade ao processo de produção e recebimento das correspondências.

Considerando a importância da carta como meio de registro, na disciplina “Arquivo, memória e patrimônio” do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ministrada por três docentes, foi escolhida uma atividade avaliativa final envolvendo este gênero textual dialógico que objetiva estabelecer uma ponte entre dois ou mais interlocutores. Como em 2021, diante da Pandemia da Covid-19, ainda era necessário o distanciamento físico, as aulas da UFSM foram ministradas à distância por meio de atividades remotas, empregando a plataforma virtual *Moodle* com o apoio da ferramenta *Meet* do *Google*. A proposta da atividade ficou denominada “carta para o futuro” do Curso que seria inserida em uma cápsula do tempo.

Trabalhar com uma cápsula do tempo é uma forma de registrar as memórias do passado recente visando mostrar no futuro as transformações sociais e acadêmicas ocorridas tendo como cenário a realidade brasileira em tempos de Pandemia. Como resultado esperado da atividade estava a carta em si e uma reflexão sobre o processo de escrita a partir de fragmentos de cada participante (docentes e discentes), trazendo à luz as vivências na área da Arquivologia. A abertura da caixa com as cartas está prevista para agosto de 2026, na data de comemoração dos 50 anos do Curso. Arquivistas e futuros arquivistas, quando trabalham na organização de acervos documentais, atuam como

coadjuvantes das memórias dos outros. Neste caso todos os envolvidos são protagonistas de suas próprias memórias.

## 2 ARQUIVISTAS MEMORIALISTAS

Os arquivistas, desde a formação acadêmica, são acostumados a trabalhar com documentos de outros sujeitos, de autoria diversa. A partir da proposta de sala de aula virtual, cada um, aluno ou professor, criou um documento ao escrever e enviar uma carta, constituindo autoria. Em seus escritos foram tratadas questões pessoais e sua relação com a Arquivologia da UFSM para que se alinhassem com a proposta de marcar o tempo em que vive e sua relação com o Curso. A Universidade Federal de Santa Maria e o espaço do Curso de Arquivologia são locais de interação e assim oportunizam não apenas o contato como também trocas, disputas, confrontações ideológicas e ainda espaço de memória onde ocorrem as relações sociais na construção da história do passado presente dos atores sociais representados por acadêmicos, professores e técnicos administrativos. Em relação aos lugares de memória, Nora (1993) coloca que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e ecumênicos guardados que nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. (NORA, 1993, p. 13)

Os professores e acadêmicos que participaram do processo de documentar suas próprias memórias, relatando suas angústias, ansiedades e colocando-as em uma caixa que representa uma cápsula do tempo, tiveram a oportunidade de rememorar que o espaço virtual (aulas síncronas), imperativo devido à Pandemia, fez parte de suas vidas e fará parte das memórias individuais e coletivas.

A cápsula é o lugar onde as vozes do passado ficarão resguardadas e será, quando aberta, o gatilho das lembranças de todos os envolvidos nesta atividade. Os relatos pessoais sempre fazem parte de relatos coletivos, são fragmentos de um todo. Pode-se afirmar, portanto, que a proposta da cápsula do tempo pode ser vista como uma forma de evitar que as memórias do grupo sejam apagadas, deletadas. Elas são reminiscências do período de cerca de dois anos em que o mundo conviveu com um inimigo comum: o Coronavírus.

As narrativas/registros dos fatos de um período que abalou a humanidade são mecanismos que evitarão o esquecimento de acontecimentos marcantes na história e na memória individual e coletiva dos sujeitos envolvidos na atividade proposta. Pierre Nora (1993, p. 9) entende que a “memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e ao esquecimento”. As cartas, com fragmentos da história, deverão servir para inibir a amnésia provocada pelo tempo, além de colaborar com a história, a identidade e a memória de cada pessoa envolvida no processo.

Os documentos preservados na cápsula, todos de arquivistas formados ou em formação, apesar de tratarem de narrativas de si, não serão só para si. Eles farão parte das lembranças da história política, social e econômica do Brasil bem como das memórias do Curso de Arquivologia da UFSM. Nestes documentos foram registrados alguns momentos de vidas que no futuro serão fontes da/para história.

### 2.1 Cartas, arquivo e cultura

O texto escrito em uma carta apresenta como principal finalidade a troca de mensagens, o diálogo, entre um remetente e um destinatário, resultando em um conjunto de documentos, isto é, um arquivo, que são considerados por White (2019, p. 352) como “artefatos culturais”. De fato, a carta traz, a partir de simbolismos, os “movimentos interiores da alma” de um sujeito como um companheiro de suas inquietações, a fim de evitar, segundo os estudos da escrita de si de Foucault, “os perigos de solidão” (2004, p. 145). Essa solidude pode ser compensada ou consolada pela ajuda do seu correspondente.

De modo geral, tais escritas refletem as atividades humanas, pessoais ou de cunho social, que agregam em seu texto traços de suas manifestações como um ser político ou religioso em um determinado tempo e espaço. Por serem redigidos em um determinado período, espelham um retrato da vida de dois ou mais sujeitos, ou de uma instituição, que permitem contemplar ou ilustrar o curso da história, como ocorreu com a carta de Maria Antonieta para sua irmã, antes de ser executada na guilhotina, em 16 de outubro de 1793, após condenação na Revolução Francesa. Nesta carta relatou suas aflições com a irmã e filhos<sup>212</sup> e, contribuiu para trazer a comprovação de um fato histórico. A carta por si só não comprova todos os atos da Revolução, mas ilustra um movimento fundamental para conquistas como a liberdade individual,

---

<sup>212</sup> A última carta de Maria Antonieta. Disponível em: <https://studhistoria.com.br/historia-das-coisas/a-ultima-carta-de-maria-antonieta/>. Acesso em: 06 jun. 2022.

contribuindo, especialmente nos arquivos, com a organização a partir de princípios arquivísticos baseados no livre acesso aos documentos. White (2019) retrata uma cultura perceptível pela forma como o arquivo foi criado, utilizado, compartilhado e, também, sobre os registros descartados. Os arquivos são criados com “propósitos específicos” de acordo com os “valores, costumes e conhecimento” do seu produtor (WHITE, 2019, p. 352).

Ao longo dos anos, o “ato de escrever e trocar missivas inaugurou novos hábitos e adquiriu relevância ao canalizar vocações literárias interditas” (MALATIAN, 2013, p. 197). As cartas podem ser vistas como documento-monumento, na visão de Le Goff (2003, p. 539) em um sentido mais “alargado” do que apenas texto, e ainda como um recurso de guarda, de curiosidade e de preservação para transmitir e perpetuar para novas gerações, carregada de “simbolismos heróis e heroínas, rituais e normas e valores”, conforme White (2019, p. 353).

Um exemplo sobre o fascínio das cápsulas do tempo e do poder da escrita no/pelo tempo, que ganhou destaque no Rio Grande do Sul, tem relação com a Miss Pelotas de 1930, Yolanda Pereira (1910-2001), depois eleita Miss Universo. Diante de sua conquista, quando erigido um monumento à pelotense, foi colocada uma urna de ferro sob ele para ser aberta no futuro, porém quase foi esquecido (FARINA, 2019). Silveira (2019) explica que o pesquisador Guilherme Almeida reportou a existência da cápsula, mas em lugar incerto, em 2012, e isso se confirmou com obras no local. Dentro, além de água e lodo, foram encontrados documentos e jornais de época que contavam a trajetória da Miss. O material passou por restauração na Universidade Federal de Pelotas. Inspirados na mágica de encontrar o que foi deixado nos anos de 1930, a prefeitura enterrou outra caixa com documentação escolhida pela comunidade em 2019, comemorando o aniversário da cidade, para ser aberta em 2069. A cápsula do tempo passa a ser vista como um objeto cultural tradicional que já faz parte dos costumes locais pois em 2069 poderão encapsular outros documentos ligados à comunidade para ser lembrado num futuro pré-determinado.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi empreendida no Curso de Arquivologia do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, na disciplina de “Arquivo, memória e patrimônio”, no segundo semestre de 2021, como forma de envolver alunos e professores na criação de uma cápsula do tempo. A referida disciplina é ministrada por três professores do Departamento de Arquivologia

que durante as aulas síncronas propuseram aos alunos, como parte da avaliação, realizar uma carta para compor uma cápsula do tempo em que o tema fosse sua relação com o Curso e o seu momento presente.

A proposta envolveu uma sistemática de três momentos: primeiro, fazer a carta sem “economizar nas memórias” e nos “planos traçados”; depois, assinando e colocando a mesma em um envelope a ser lacrado e com autorização de uso parcial ou total de informações; e, como terceiro e último momento, a reflexão sobre o processo da escrita.

Sobre o escrever, deveriam considerar a compreensão de fazer parte dos 50 anos do Curso de Arquivologia e também deveriam lembrar da abertura da caixa das cartas e de sua leitura pública. Após a conclusão do processo de escrita, o participante assinou e entregou a carta pessoalmente (no prédio 74A, no campus de Camobi, Santa Maria, RS) ou via Correios, com a data limite de entrega em 18 de janeiro de 2022. Juntamente com este ato, autorizavam a abertura da carta mesmo que não possam estar presentes.

Como etapa final desse processo, foi sugerido trazer os sentimentos e reflexões sobre o momento da escrita. As perguntas norteadoras eram: “Você gostaria de estar junto?; Acredita que reunir as pessoas para esta atividade vai causar emoção?; Você acha que muitas coisas irão se modificar na sua vida até a abertura da carta? Quais?; Como você imagina que estará o Curso nos seus 50 anos?”. Nos resultados foi convencionado identificar os alunos no artigo por suas iniciais.

#### 4 RESULTADOS

A Pandemia do Covid-19 afetou o cotidiano das pessoas de diversas formas. Nas universidades, o principal impacto foi o do distanciamento físico pois o espaço universitário teve de ser virtualizado com interações mediadas por ferramentas como o *Google Meet* para que, mesmo que de forma síncrona, alunos e professores pudessem interagir.

A nova realidade originou os chamados “movimentos interiores da alma”, dito por Foucault (2004), perceptível na proposta da cápsula do tempo do Curso de Arquivologia da UFSM. À título de exemplo, abril de 2021 foi considerado o mais letal<sup>213</sup> da Covid-19 no Brasil, com histórias tristes para muitos, incluindo os participantes da atividade. Por outro lado, surgiu uma nova expectativa no final daquele mesmo mês, com 7,40% da população brasileira vacinada graças ao rápido avanço científico. O dado revela que nada

---

<sup>213</sup> Projeto Comprova. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/constantino-mortes-covid-2020-2021-vacina/> Acesso em: 06 jun. 2022.

é estático pois muitos fatos sobre a realidade podem mudar num curto espaço de tempo.

O projeto realizado na UFSM, e que traz aqui seus resultados, foi exposto durante aula virtual, em 07 de dezembro de 2021, realizada através *Google Meet* e buscava registrar a trajetória e memórias vividas pelos docentes e acadêmicos do Curso de Arquivologia da UFSM. Para tanto foram apresentadas fotografias que rememoravam fatos relevantes da história do Curso, segundo a visão dos três docentes. A aula serviu para instigar os participantes na elaboração da carta para o futuro, entendendo que a visualização das fotografias poderia remeter a novas lembranças de momentos vivenciados no Curso por cada um.

A proposta buscou trazer a percepção de todos, a partir de reflexão isolada, sobre a sua trajetória. Como resultado final foram reunidas 10 cartas de discentes, nove entregues na UFSM e uma pelos Correios. Somente dois estudantes matriculados não participaram da avaliação. Os três docentes também escreveram e depositaram suas cartas na cápsula do tempo. A caixa deverá ser aberta em agosto de 2026 quando iniciam as comemorações dos 50 anos do Curso durante um encontro público, a ser agendado pelos idealizadores da atividade. Na ocasião, tem-se a expectativa de que seja realizada a leitura individual de cada carta e, se possível, com a presença de todos os envolvidos.

Como reflexo para o arquivo, as cartas produzidas, após abertas e publicizadas, deverão fazer parte do acervo documental arquivístico do Curso de modo a ilustrar um momento diferenciado, em razão da Pandemia. Como a própria White (2019) recomenda, não deverá ser eliminado esse conjunto, ao contrário, deve produzir um acontecimento em uma agenda festiva diversificada para celebrar o aniversário do Curso com a comunidade arquivística do Brasil.

Outra contribuição e que deverá fazer parte do arquivo do Curso de Arquivologia é o resultado da atividade reflexiva, já entregue, com apontamentos dos alunos sobre o ato de escrever cartas. A escritora Marguerite Duras (1994, p. 48) reconhecia o momento de escrita como um momento de solidão e afirmava que “escrever significa tentar saber aquilo que se escreveria se fôssemos escrever – só se pode saber depois – antes”. Assim, partindo do que foi registro em cada uma das cartas, foi feito um convite refletir sobre sua escrita, o que resultou em uma série de considerações.

T. M. relata: “Sinceramente, eu acho muito interessante escrever cartas, adoro quando aparecem em livros e etc, gosto de trocar cartas às vezes, mesmo

que ultimamente a troca de emails tenha substituído a carta escrita”. Sua reflexão vai na direção da tecnologia que influencia a comunicação.

Peruzzolo (2006, p. 59) entende que a “comunicação é, portanto, uma relação no jogo do encontro com a alteridade”. Nesse sentido, S.D. expressou que “Tantas pessoas vamos conhecendo durante o curso, umas vão a diante, outras não, umas desistem no caminho, outras nos dão a mão para continuarmos juntas [...] [isso] me fez pensar o quanto consegui me superar como pessoa e como ser humano diante de tantos desafios”.

J. F. relata que fazia anos que não escrevia uma carta, e que o ato da escrita o fez lembrar sua infância e adolescência, das namoradas e de outros tempos. Ele pensa que “escrever sobre o futuro é uma tarefa um tanto quanto desafiadora pois a primeira coisa que veio a minha mente foi será que estarei lá, essa é a pergunta que não quer calar”, indicando dúvida pela imprevisibilidade da vida e da permanência dele enquanto autor de um dizer que pode não se confirmar caso não esteja vivo na abertura da cápsula.

As reflexões reportaram a satisfação e dificuldades de escrever cartas e escrever sobre si, denotaram a dificuldade de pensar o futuro e criar expectativas, porém despertou/reavivou o hábito de usar papel e caneta e refletir sobre passado e futuro, como disse C. R., “desacelerar” e “aproveitar o agora”.

Os discentes expuseram terem pensado em metas pessoais e na própria identidade durante a escrita. G. M. escreveu: “pude mostrar minha identidade para as pessoas que não me conhecem muito, mas daqui cinco [anos] saberão o que eu era hoje, e poderão notar a diferença da G. do passado e a G. do futuro”. Os sujeitos pensam ter domínio no que dizem e como serão interpretados, no entanto, como revela Orlandi (2011, p. 190), o processo de interação é constitutivo do discurso. Ao discorrer sobre a noção de sujeito, autoria e leitura, Orlandi acrescenta que “na leitura o outro é autor” ao que indica que parte do sentido se dá por aquele que lê o que foi escrito, ou ainda, pelas “condições de produção da leitura” (ORLANDI, 2011, p. 190). A percepção do que foi escrito só será avaliada no próprio encontro, e se ambos trocarem ideias sobre esse momento.

Todos os participantes desejam estar presentes no momento da abertura da caixa. C.R. imagina ser “gratificante termos a experiência de reencontrar as pessoas que admiramos”, revelando a expectativa da alegria do momento. I. F., por sua vez, disse: “Nunca pensei, que estaria fazendo parte das comemorações por já estar me formando, mas depois dessa atividade, talvez e provavelmente estarei fazendo parte dos 50 anos do curso, através de uma pós-graduação, que, passou a ser uma meta a ser cumprida futuramente”.

Os discentes, de modo geral, pensam, como G.M., que diz que isso “irá nos proporcionar uma experiência incrível”, e G.S. diz que o que foi feito ocorreu com a “nostalgia pelo que ainda não aconteceu” sendo possível que no futuro se tenha uma “saudade cega” dos tempos vividos no agora, mesmo com a Pandemia. O sentimento de pertencimento foi ativado como também a verificação da necessidade de organizar seus próprios arquivos, como I.F. revelou. Foi expresso o desejo de que haja maior reconhecimento do Curso para que ele “seja não só mais visto como divulgado”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo cada vez mais digital, até mesmo pelo acontecimento da Pandemia, a carta passa a ser algo especial, por sua materialidade, por ser manuscrita. Uma das cartas enviadas respondendo a proposta dos professores tem o carimbo dos Correios que atesta sua data e a sistemática recomendada. A proposta, em uma perspectiva pedagógica, tinha como propósito educar o arquivista para (re)conhecer os trajetos da memória, fazer pensar a identidade, olhar para o presente e planejar o futuro, por isso as sensações despertadas com a atividade, desde o próprio ato de escrever uma carta, até a rememoração do passado, são cheias de significados.

A abertura da cápsula do tempo em 2026 deverá complementar o aprendizado do grupo envolvido (e dos expectadores do momento de revelação das memórias) sendo uma contribuição dos professores e alunos da disciplina de “Arquivo, memória e patrimônio” do segundo semestre de 2021 para a comemoração dos 50 anos do Curso e para sua história. Seguindo o exemplo da prefeitura de Pelotas, é possível dar prosseguimento a esta posposta da cápsula do tempo, executando nova escritura de cartas para o futuro, em 2026, gerando um ciclo. O papel do professor de uma Instituição de Ensino Superior como mediador do processo educativo é fundamental não só pelo planejamento como pela execução de práticas inovadoras e estimulantes que causem sentimento de pertencimento no grupo.

Acredita-se que o valor histórico dos documentos da cápsula será confirmado e que as cartas serão consideradas rastros do passado e portadores de memória, constituindo um objeto cultural. Os documentos gerados a partir desta atividade serão um elo de ligação com o passado e um patrimônio documental do Curso de Arquivologia e da própria Universidade Federal de Santa Maria. Espera-se que, ao abrir a cápsula, o tempo apresente novas e melhores perspectivas de vida aos sujeitos partícipes desta proposta e desenvolvimento e crescimento para o Curso e sua comunidade. Considera-se que a presente proposta pedagógica para trabalhar “Arquivo, memória e

patrimônio” foi de interesse de todos e repercutiu positivamente no grupo, atestando sua eficácia pela aderência e aproveitamento.

## REFERÊNCIAS

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FARINA, Érik. Cápsula do tempo enterrada há 88 anos é aberta e conteúdo é revelado em Pelotas. **ZH**, Porto Alegre, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/05/capsula-do-tempo-enterrada-ha-88-anos-e-aberta-e-conteudo-e-revelado-em-pelotas-cjvo4i3pn043y01ma8mw4z7kj.html>. Acesso em: 06 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5.

KARNAL, Leandro.; TATSCH, Flavia G. Documento e história. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de (org.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 195-221.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: 2003.

MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de (org.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 9-27.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PERUZZOLO, Adair C. **A comunicação como encontro**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

SILVEIRA, Angélica. Revelado o conteúdo da cápsula do tempo em Pelotas. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 maio 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/revelado-o-conte%C3%BAdo-da-c%C3%A1psula-do-tempo-em-pelotas-1.338970> Acesso em: 06 jun. 2022.

WHITE, Kelvin L. Raça e cultura: uma abordagem de estudos étnicos para a pesquisa de arquivo e registros nos Estados Unidos. In: GILLILAND, Anne J.; McKEMMISH, Sue; LAU, Andrew J. (org.) **Pesquisa no multiverso arquivístico**. Salvador: 9Bravos, 2019, p. 345-375.